

NAS TENDAS DA SEXUALIDADE E GÊNERO: HETEROTOPIAS NO CURRÍCULO

Cláudia Maria Ribeiro¹

Desafios teórico-metodológicos na educação para a sexualidade e gênero

A partir do desafio do qual se reveste a temática da Sexualidade Humana e Gênero e das implicações teórico-metodológicas² na e para a discussão dos temas, a equipe do Projeto Educação Inclusiva: tecendo gênero e diversidade sexual nas redes de proteção³, ampliou a implementação das “Tendas da Sexualidade e Gênero” iniciadas no decorrer do 3º. Ano do Projeto de Extensão: Construindo práticas a partir dos compromissos com a defesa dos direitos sexuais na infância e adolescência no combate ao abuso e exploração sexual⁴.

Assim, as temáticas da construção histórica da sexualidade humana, dos vários temas da sexualidade e dos direitos humanos, dos direitos da criança e dos direitos sexuais e reprodutivos são expostos em três barracas de praia – interligadas – possibilitando às pessoas o contato com as representações ali veiculadas: textos, pinturas, fotografias, folders, cartazes, dentre outras. Uma tenda para as crianças também foi criada.

Pergunto: por que a opção por “Tendas” ? Navego, então, por sua simbologia. As tendas são residências de pessoas nômades no deserto e também o protótipo do templo em várias civilizações. “O simbolismo é constante: a tenda é um lugar sagrado, onde o divino é convocado a manifestar-se” (CHEVALIER e GHEERBRANT, p. 877, 1998). Os

¹ Profa. Adjunta do Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras – MG. Coordenadora do GT 23 – Gênero, Sexualidade e Educação da ANPed – Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Relações entre Filosofia e Educação para a Sexualidade na Contemporaneidade: a Problemática da Formação Docente.

² Gallo, Sílvio. *Educação menor: produção de heterotopias no espaço escolar*. In: Swain, Tânia et al. Organizado por Ribeiro, Paula Regina Costa et al. *Corpo, gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas*. Rio Grande: Editora da FURG, 2007. O autor desloca o conceito de heterotopia de Michel Foucault para o espaço escolar e questiona como produzi-la neste espaço.

³ Projeto de Extensão Universitária aprovado pela SECAD – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade/FNDE no ano de 2007 para implementação em 2008 sob a coordenação das Profas. Dras. Cláudia Maria Ribeiro e Ila Maria Silva de Souza ambas docentes adjuntas do Departamento de Educação da UFLA.

⁴ Projeto de Extensão Universitária aprovado atendendo aos Editais do Programa de apoio à extensão universitária voltado às políticas públicas/PROEXT, veiculado pelo Ministério da Educação – MEC/Secretaria de Educação Superior-SESU, Departamento de Modernização e Programas da Educação Superior – DEPEM (2004, 2005 e 2006) coordenado pela profa. Dra. Cláudia Maria Ribeiro.

questionamentos da equipe coordenadora dos projetos de formação de educadores e educadoras nas temáticas da sexualidade e gênero lidava com estes desafios: como impactar as pessoas, em vários lugares, vagueando, tal como os/as nômades, sem residência fixa, deslocando-se constantemente, instigando reflexões, jeitos diferentes de pensar, penetrar, percorrer, transpor limites; “perturbar a familiaridade do pensamento e pensar fora da lógica segura” (LOURO, p. 71, 2004). Posso afirmar que as Tendões cumpriram essa função: desestabilizar! Navegar pela história da sexualidade e, depois falar sobre isso, indagar o porque de um saber construído de uma forma e não de outra; por que as práticas sexuais foram as mais diversificadas no decorrer da história da humanidade; por que o sexo foi incitado a se confessar, a se manifestar? Por que o poder incita a enunciar a sexualidade por meio da Igreja, da escola, da família, enfim, das instituições e de saberes tais como a pedagogia, a psicologia, a biologia, a medicina dentre tantas outras? O trânsito nômade das Tendões e o trânsito nas Tendões desafiou, portanto, as pessoas a lidarem com a idéia de multiplicidade: das sexualidades e dos gêneros.

Quais as sexualidades? Remeto-me, então, ao outro simbolismo da Tenda: o lugar sagrado! O processo educativo pode ser diferente? Pode-se pensar numa erotização dos processos de conhecer, de aprender e de ensinar? “A erotização [será] tomada num sentido pleno e alargado, como uma energia e uma força motriz que impulsiona nossos atos cotidianos e nossa relação com os outros. Sem deixar de lado a sensualidade e os corpos, certamente também implicados nesses processos, penso, aqui, num erotismo presente na sala de aula e em outros espaços educativos, que se liga à curiosidade, portanto, ao desejo de saber” (LOURO, p. 71, 2004). Foucault (1988) fala dos dois grandes procedimentos para produzir a verdade do sexo: a *ars erotica* e a *scientia sexualis*:

“Na arte erótica, a verdade é extraída do próprio prazer, encarado como prática e recolhido como experiência; não é por referência uma lei absoluta do permitido e do proibido, nem a um critério de utilidade, que o prazer é levado em consideração, mas, ao contrário, em relação a si mesmo: ele deve ser conhecido como prazer, segundo sua intensidade, sua qualidade específica, sua duração, suas reverberações no corpo e na alma” (1988, p. 65).

Sagrado, secreto, erótico, prazer, desejo, curiosidade... muito diferente dos procedimentos da *scientiae sexualis*: confissão, culpa, interdição, normalização,

serialização, infantilização, normatização... e, cujo processo educativo restringir-se-ia à prevenção.

Outros conceitos que transitam pelas Tendias

Circulando pelas “Tendas”, transito também pelos conceitos de heterotopia, jogos de poder-saber-verdade, representação, textos culturais, concepção de infância, de sexualidade, de gênero, de currículo.

Essa enxurrada de conceitos requer navegar pelos Estudos Culturais e pelo Pós-estruturalismo que, contrastando com as concepções tradicionais, concebem a cultura como atividade, prática de produção, de criação, de significação:

“A cultura nunca é apenas consumo passivo. Os significados, os sentidos recebidos, a matéria significante, o material cultural são, sempre, embora às vezes de forma desajeitada, oblíqua, submetidos a um novo trabalho, a uma nova atividade de significação. São traduzidos, transpostos, deslocados, condensados, desdobrados, redefinidos, sofrem, enfim, um complexo e indeterminado processo de transformação” (SILVA, 1999, p. 19, 20).

Os processos de significação, portanto, têm estreita ligação com os jogos de saber-poder-verdade em que as relações sociais são relações sociais de poder. Os estudos foucaultianos (1988) desorganizam as concepções tradicionais de poder e propõem a capilaridade, ou seja, o poder sendo exercido, o que requer estratégias, manobras, técnicas, disposições. No processo de formação de educadores e educadoras, joga-se um jogo decisivo: disseminar possibilidades de re-significar os significados e os sentidos dominantes – a heteronormatividade, as relações de gênero, a produção de saberes sobre sexualidade, sobre infância, sobre direitos, dentre tantos outros temas.

O desafio é imenso! Será que a provocação veiculada no texto de Gallo (2007) gerou heterotopias? A “Tenda” é um outro espaço? As heterotopias, segundo Foucault, são lugares reais, efetivados que, embora se contraponham ao espaço instituído, coexistem com ele, são lugares de passagem. Cita o teatro; passam-se horas sendo transportados para muitos lugares. Numa heterotopia, entramos num lugar outro, que pode nos remeter a muitos outros lugares:

“lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contrapositionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis (FOUCAULT, 2006, 415 p.)

“As Tendias da Sexualidade e Gênero” contêm inúmeros textos culturais⁵, que contam coisas sobre si e sobre os contextos em que foram produzidos; cartazes que veiculam imagens da construção histórica da sexualidade em várias épocas: Grécia, Roma, Hebreus, Renascimento, Idade Média, Burguesia, Século XX, XXI; reportagens de jornais e revistas; folders de campanhas educativas sobre sexualidade e gênero; cartazes com a impressão dos direitos sexuais e reprodutivos, os direitos das crianças, a temática do abuso e exploração sexual; jogos, dentre outros. Adentra-se nas Tendias por uma cortina de papel onde está impressa a pintura de Botticelli – O Nascimento da Vênus – e, da primeira para a segunda Tenda as pessoas são provocadas a passar por uma vulva feita de cetim cor-de-rosa. Desde a entrada, a intencionalidade das representações.

Assim, nesse espaço outro, a produtividade dos processos de significação é provocada pela diversidade das representações⁶. Este outro conceito, portanto, requer explicitação:

“As representações culturais não são simplesmente constituídas de signos que expressam aquelas coisas que supostamente “representam”. Os signos que constituem as representações focalizadas pela análise cultural não se limitam a servir de marcadores para objetos que lhes sejam anteriores: eles criam sentidos” (SILVA, 1999, 44 p.).

⁵ “Nas análises culturais de inspiração pós-estruturalistas, que dão grande importância à linguagem, a expressão textos culturais é utilizada para se referir a uma variada e ampla gama de artefatos que nos ‘contam’ coisas sobre si e sobre o contexto em que circulam e em que foram produzidos. Filmes, obras literárias, peças publicitárias, programas de rádio e TV, músicas, quadros, ilustrações, bem como livros didáticos, leis, manuais, provas e pareceres descritivos, ou mesmo um museu, um shopping center, um edifício, uma peça de vestuário ou de mobiliário, etc., são textos culturais (COSTA, 2002, p. 138).

⁶ . Silva, Tomaz Tadeu. *Teoria Cultural e Educação – um vocabulário crítico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 97. “No contexto dos Estudos Culturais, a análise da representação concentra-se em sua expressão material como “significante”; um texto, uma pintura, um filme, uma fotografia”.

Quanta possibilidade de criação de sentidos no trânsito por este lugar, que está fora de todos os lugares. Início com a problematização da entrada da Tenda, a qual já me referi: O Nascimento de Vênus, obra de Botticelli (1483).



Foto 1: Fátima Ribeiro

Sandro Botticelli, pintor renascentista, retrata, em “*O Nascimento de Vênus*”, a deusa do amor: nua, sensual, sagrada/profana. O mito é o seguinte: Vênus nasceu da espuma do mar. Quando Saturno (Cronos) cortou os testículos do pai, Céu (Urano), destronando-o, atirou-os ao mar. Dos testículos amputados de Urano, uma grande espuma foi formada no mar, de onde nascia Vênus, ou Afrodite. Ao nascer no meio do mar, Vênus é amparada por uma grande concha de madrepérolas. Cobre um dos seios com uma das mãos e, com a outra, segura os cabelos que escondem o sexo sagrado.

Os ventos – dois amantes – empurram-na e Vênus recebe, de uma das deusas das estações – Hora – um manto bordado de flores. “Alguns especialistas argumentam que a deusa nua não representaria a paixão terrena, carnal, e sim a paixão espiritual” (Wikipédia).

Chevalier e Gheerbrant (1998, p. 14) dizem que “Afrodite simboliza as forças irreprimíveis da fecundidade”. Esses autores remetem a concha às suas qualidades fecundantes e identifica-a, por sua forma e profundidade com a vagina: “A concha, evocando as águas onde se forma, participa do simbolismo da fecundidade própria da água” (p. 269).

Ao penetrar na Tenda as pessoas penetram na beleza, no prazer, na fecundidade e são convidadas a refletir também sobre o imaginário das águas (ANDRADE, 2001). Transitam pelos textos culturais que remetem aos “Banhos” em vários momentos da

história da humanidade. Um deles é Susana no Banho, o outro Betsabá e a Carta do Rei David e o Jardim das Delícias.

Susana no Banho, Surpreendida por Dois Velhos. Rembrandt, 1647. Um texto apócrifo de Daniel relata a história de Joaquim e de sua esposa Susana. Na época do cativeiro do povo de Israel, Joaquim possuía em Babilônia uma rica residência cercada por um jardim onde os judeus tinham o costume de se encontrar. Dois anciãos, escolhidos para juízes, exerciam aí as suas funções. Inflamando-se de paixão pela bela Susana, atacaram-na no dia em que ela se banhava no jardim. “As portas do jardim estão fechadas, ninguém nos vê, e nós ardemos de paixão por vós: rendei-vos ao nosso desejo, e fazei o que desejamos. Se não o desejais, testemunharemos contra vós e diremos que havia aqui um homem jovem convosco, sendo essa a causa da expulsão das criadas.” Susana soltou um suspiro profundo e respondeu-lhes: “Só vejo perigo e angústia por todos os lados. Porque se fizer o que desejais, serei morta, e se não fizer nada, não escaparei das vossas mãos. Mas para mim é melhor cair nas vossas mãos sem ter cometido mal que pecar na presença do Senhor”. Assim, por recusar os seus avanços, Susana foi acusada injustamente e condenada à morte. Mas um rapaz novo interveio e pediu que os velhos fossem ouvidos separadamente. Dessa maneira foram desmascarados e Susana salvou-se. A criança não era outra senão Daniel (Bockemühl, 1993, in ANDRADE, 2001).

Betsabá e a Carta do rei David. Rembrandt, 1654. Betsabá foi uma das mulheres mais poderosas do velho testamento e viveu uma história de amor com David, o herói judeu que matou o gigante Golias. “David foi o rei mais popular e mais bem-sucedido que Israel jamais teve, rei e governante arquetípicos, de sorte que, por mais de 2000 anos depois de sua morte, os judeus viram o seu reino como uma idade de ouro.” Calcula-se que David reinou por volta de 1000 a.C. (Paul Johnson, historiador inglês). O Velho Testamento conta que David, depois de tirar uma sesta, avistou de seu palácio uma mulher tomando banho. Era Betsabá. Betsabá segura pensativamente a carta, na qual o rei David lhe pede que vá ter consigo, colocando-a assim na perspectiva de cometer adultério (idem).

E, finalmente, o quadro Jardim das Delícias. As fontes de juventude dos quadros flamengos do século XV foram inspirados, parcialmente, em homens e mulheres jovens, em corpos graciosos, nadando nus. O “*Jardim das Delícias*” de Hieronymus Bosch ilustra um paraíso perdido e descreve o prazer dos sentidos quer seja ao representar o casal dentro

de uma bolha ou o casal dentro da concha. Muitas figuras representam jogos de amor: o homem que mergulha primeiro com a cabeça na água e que tapa seu sexo com as mãos ou, o jovem que introduz flores no ânus do seu companheiro. Bosch retratou o prazer carnal e inúmeras figuras metafóricas ou simbólicas tais como os morangos que são insistentemente evidenciados. Os espanhóis, ao invés de denominarem o quadro de *Jardins das Delícias*, chamam-no de *Jardim dos Morangos* (idem).

Assim, transitar pelas “Tendas” possibilitou às pessoas transitarem também por histórias retratadas pela iconografia ocidental. Quantos jogos de poder/saber/verdade demandam problematizações! Para sair desse espaço que remetia à construção histórica da sexualidade, as pessoas “penetravam” numa vulva.



Foto 2: Fátima Ribeiro

Ao penetrar nesse espaço o contato era com as inúmeras temáticas da sexualidade e de gênero: campanhas publicitárias, folders educativos, folders de programas governamentais e de ongs (organizações não governamentais), slogans, charges, dentre tantos outros textos culturais. Tudo isso possibilita discutir o dispositivo da sexualidade:

“Entre cada um de nós e nosso sexo, o Ocidente lançou uma incessante demanda de verdade: cabe-nos extrair-lhe a sua, já que lhe escapa; e a ele cabe dizer-nos a nossa, já que a detém nas sombras. Escondido, o sexo? Escamoteado por novos pudores, mantido sob o alqueire pelas mornas exigências da sociedade burguesa? Incandescente, ao contrário. Foi colocado, já há várias centenas de anos, no centro de uma formidável petição de saber. Dupla petição, pois somos forçados a saber a quantas anda o sexo, enquanto que ele é suspeito de saber a quantas andamos nós” (FOUCAULT, 1988, p. 87, 88).

Quanta contradição! Quantas estratégias de saber e de poder perpassam os processos educativos quer seja na instituição escola, na família e/ou nas pedagogias culturais. A produção de conhecimento sobre sexualidade, o incitar a falar sobre, as perplexidades frente aos discursos exercem poderosos controles, mas também indicam possibilidades de resistências, instigando a pensar os processos de produção das diferenças, a provisoriedade das verdades, o questionamento dos binarismos, da heteronormatividade, da homofobia.



Fotos 3 e 4: Fátima Ribeiro

Esses textos provocaram e perturbaram formas convencionais de pensar. Na caminhada nômade das Tendias a equipe precisava de pessoas, nas cidades integrantes do projeto: Educação Inclusiva: tecendo gênero e diversidade sexual nas redes de proteção, que compartilhassem a montagem das barracas de praia, suporte para a ambientação dos espaços. Essas pessoas eram vigias, porteiros, pessoal da limpeza, ou seja, estão frequentemente nas escolas e lidam cotidianamente com as crianças e adolescentes. Os estranhamentos em relação ao material gerava perguntas: “O que é isso?” “Por quê?” “Isso existe?” “Homossexualismo” não é pecado?” E tantas outras.

Essas eram também possibilidades para análises: a formação da equipe de educadores e educadoras da escola é suficiente para gerar as transformações desejadas? Quantas são as pessoas que interagem com crianças e adolescentes e que carregam consigo concepções sexistas, machistas, homofóbicas?



Foto 5: Fátima Ribeiro

Um dos cartazes que chamou muita atenção, em várias cidades, foi o que veiculava uma reportagem sobre as bonecas infláveis. Em muitas das discussões as pessoas usuárias dessas bonecas eram definidas como pervertidas, fetichistas, anormais,

Nepomuceno (2007) problematiza as *Realdoll*, ou seja, bonecas reais, no artigo intitulado Brincando de Boneca: o sexo de plástico e a plástica do sexo:

“Bonecas deixam o caráter do estranho e aproximam-se cada vez mais do que chamamos de real, da verossimilhança com o humano. O sexo com bonecas é mais do que um sexo de plástico, mas institui uma plástica do sexo, onde se coloca em questão a própria corporalidade e a relação entre natureza e máquina. O hibridismo entre o corpo e a maquinaria do prazer, revela que somos todos ciborgues? Que nunca fomos humanos?” (p. 72).

A reportagem “Eles vivem com bonecas”⁷ estava no mesmo espaço que as reportagens que abordavam outros temas, tais como: “Após 7 anos, Maria da Penha é indenizada”⁸, “Diga não à erotização infantil”⁹ dentre tantas outras. E, no espaço seguinte, as declarações das quais o Brasil é autor ou signatário: Direitos Sexuais e Reprodutivos; Direitos da Criança; Estatuto da Criança e do Adolescente; Mito e Realidade das Violências Sexuais, dentre outros.



Fotos 6 e 7: Fátima Ribeiro

A proposta para as pessoas que transitaram nas Tendas era: “Registrem o que mais considerou significativo para fomentar as discussões”.

⁷ Revista Marie Claire, Edição 188, Nov. 2006.

⁸ Folha de São Paulo, 13 de março de 2008.

⁹ Reportagem do Domingo Espetacular-Record 26-07-2007.

Tenda das crianças

A experiência com a Tenda no processo de formação de educadores e educadoras instigou a equipe do projeto a criá-la para as crianças. Uma enxurrada de perguntas: concepção de infância; cuidar e educar na educação infantil; o lúdico nos Currículos para a Educação Infantil; concepção de gênero e sexualidade na infância.

A temática do brincar foi e é estudada por educadores/as, psicólogos/as, sociólogos/as, antropólogos/as, filósofos/as e historiadores/as, dada a sua diversidade ante as novas realidades econômicas, políticas e culturais. Possibilitar, portanto, à profissional que atua na educação infantil compreender a complexidade da temática do lúdico no trabalho com crianças de até seis anos de idade requer considerar os pressupostos teóricos que alicerçam o brincar e que se entrelaçam com a dinâmica da ação pedagógica, seus reflexos no cotidiano e na organização dos espaços. Alguns autores e autoras nortearam teoricamente a construção da proposta: Furlani (2005); Camargo e Ribeiro (1999); Britzman (1999); Huizinga (1996); Ribeiro e Souza (2008).

Assim, a organização desse espaço denominado “Tenda das Crianças” provocou o contato com cores, texturas, formas, consistências, odores, brinquedos, roupas, acessórios, livros de histórias infantis que foram geradores de exploração do ambiente e incitaram o brincar. Opto por apresentar cenas das crianças transitando pela Tenda.



Foto 8: Fátima Ribeiro

Pés descalços para sentir as várias texturas espalhadas pelo chão. A cortina da entrada tem estampada os Direitos da Criança.



Fotos 9 e 10: Fátima Ribeiro

Todo o corpo explora o espaço. Quais os impedimentos para esta exploração, para o brincar? O que nos diz esta cena onde a menina brinca com a boneca e os meninos apenas olham?

A brincadeira do faz-de-conta, o ambiente colorido, a intencionalidade de cada detalhe instigou as crianças a se expressarem. A Tenda fez parte do subprojeto: Gincana Cooperativa: Direitos da Criança quando objetivou-se, justamente, inventar possibilidades para entrelaçar a temática de gênero e sexualidade no cotidiano da Educação Infantil. As professoras participaram de um processo de formação em que, além de estudarem os textos propostos, elaboraram, juntamente com a equipe do projeto “Tarefas” para a realização da Gincana que constou de teatros, criação de bonecos e bonecas, portfólios com as atividades desenvolvidas pelas crianças. Dessa forma, as crianças exploravam livremente a Tenda e, logo após, as educadoras tinham subsídios para mediar as discussões.



Fotos 11 e 12: Fátima Ribeiro

Considerações finais

As Tendas possibilitaram às pessoas a imersão em um espaço – em uma heterotopia – onde proliferaram e multiplicaram as formas de gênero e sexualidade. O impacto do

trânsito nesse espaço, para os adultos, fez com que lidassem com o conhecer e o não conhecer. Para as crianças elas queriam brincar, brincar e brincar.

O que é conhecido? Quais as formas pelas quais chega-se a conhecer? Que condições permitem ou impedem o conhecimento? Que perguntas foram feitas pelas pessoas que passaram pela Tenda? E quais não foram feitas? E por que não? O que fez sentido para as pessoas? O que não fez? Todo o material exposto na Tenda despertou o desejo de aprender? E também a recusa a aprender? O que há para aprender com a ignorância?

Guacira Lopes Louro (2004, p. 68) diz que:

“No campo da educação, a ignorância sempre foi concebida como o outro do conhecimento e, então, repudiada. Agora a ideia é compreendê-la como implicada no conhecimento, o que, surpreendentemente, leva a considerá-la valiosa (...) Quando determinados problemas são formulados, isso se faz com o suporte de determinada lógica que permite formulá-los e que, por outro lado, simultaneamente, deixa de fora outros problemas, outras perguntas”.

Enfim... não têm fim as possibilidades para problematização. No nomadismo das Tendras, nos locais que a equipe passou, nos deslocamentos para vários lugares, no encontro com diferentes pessoas, o processo continua!

Referências bibliográficas

ANDRADE, Cláudia Maria Ribeiro. O imaginário das águas, Eros e a criança. UNICAMP-Campinas: Tese de Doutorado. 2001.

BRITZMAN, Débora. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira Lopes (org.) O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica. 1999.

CAMARGO, Ana Maria Facioli de e RIBEIRO, Cláudia Maria. Sexualidades e Infâncias. A sexualidade como tema transversal. São Paulo: Editora Moderna. 1999.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio. 1998.

COSTA, Marisa Voraber. Poder, discurso e política cultural: contribuições dos estudos culturais ao campo do currículo. In: LOPES, A.C. e MACEDO, e. (Orgs.). Currículo: debates contemporâneos: cultura, memória e currículo. São Paulo: Cortez, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. Tradução: Inês Autran Dourado Barbosa. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. Coleção Ditos & Escritos III.

_____. História da Sexualidade I: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1988.

FURLANI, Jimena. O bicho vai pegar! Um olhar pós-estruturalista à educação sexual a partir de livros pára-didáticos infantis. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2005.

GALLO, Sílvio. *Educação menor: produção de heterotopias no espaço escolar*. In: Swain, Tânia et al. Organizado por Ribeiro, Paula Regina Costa et al. Corpo, gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas. Rio Grande: Editora da FURG, 2007.

HUIZINGA, J. Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva. 1996.

LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NEPOMUCENO, Margarete Almeida. Brincando de boneca: o sexo de plástico e a plástica do sexo. In: MACHADO, Charlinton José dos Santos e NUNES, Maria Lúcia da Silva.(orgs.) Gênero e Sexualidade: perspectivas em debate. João Pessoa: Editora Universitária. 2007.

RIBEIRO, Cláudia Maria e SOUZA, Ila Maria Silva de. Educação Inclusiva: tecendo gênero e diversidade sexual nas redes de proteção. Lavras: Editora UFLA. 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Teoria Cultural e Educação – um vocabulário crítico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000

_____. O currículo como fetiche. A poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

Wikipédia – www.wikipedia.org

